

ANILDA e eu

Adotei o padrão de escrever minhas crônicas na terceira pessoa. Normalmente, com o escopo de esconder alguém, ou a mim mesma, entre as personagens – um nome fictício, ou, simplesmente, “ele(a)”, “fulano”, “sicrano”. Entendo que esse mimetismo confere certo mistério ao texto. Nego-me, porém, a camuflar-me aqui. Esse eu, sou eu mesma. A subscritora, ora em posição de confitente.

Possuía versos, ainda, datilografados, em papéis amarelecidos pelo efeito do tempo; sôfregos, tímidos, em meus alfarrábios. Ensaio poético produzido em surtos, dos 12 aos 30 anos de idade.

É isso. A conta pode não bater, mas foram 15 anos divididos entre o sonhar de imortalizar-me numa coletânea poética (existencial) e o não querer resoluto, indômito... Um estado de catalepsia alimentado pela insegurança pueril, quando, peremptoriamente, uma personagem de uma de minhas crônicas (Aninha, minha cunhada/irmã) sentenciou-me: “dê-me já estas folhas, Sil, que ausculto o destino que poderão ter!” – ela é medica do corpo e da alma.

Pronto. Uma luz!

Uma discípula pronta que fez a mestra aparecer?

Vejamos. Falando de meu sonho à minha mãe, disse-me que conhecia Anilda Leão. Desenhou-me num pedestal: “uma espírita maravilhosa, uma artista valorosa... E poetisa viu?”. É mesmo, Mamãe?! Leve-me a ela, pois quero mostrar-lhe meus poemas.

No agradável jardim de sua residência, sentava à frente da mestra (sim, da mestra Anilda), com dedos dos pés encarando-se. Eu, a pretensa discípula, aguardava o veredicto de quem já me havia advertido de que costumava ser franca em suas avaliações, quando, para quebrar o clima e fazer meu sangue voltar a fluir, respondi-lhe, em tom jocoso, que se estivesse somente a pretender elogios, teria mostrado meus versos somente à minha mãe risos.

Anilda corria os olhos nos versos com ar indefinido, enquanto eu congelava. Seu parecer

foi lacônico: “é poesia, menina”. Respirei. Vale a pena publicar, Anilda? “É claro que eu estarei lá no lançamento” – cumpriu a promessa. Então, meu pedido é que me faça um prefácio.

Agora, Anilda, tenho mais que um prefácio. Um testemunho vivo imortalizado nas páginas de meu primeiro livro (Incógnita, 1997). Para mim, de valor inestimável, um documento histórico, de onde extraio este excerto: “Existem também os menos eruditos, mas mais simples, contudo, mostrando uma grande força interior. De uma solidez tão grande que até o mais simples do verso contido no poema se torna grandioso, e fica martelando na consciência e na alma do leitor. Assim são os poemas inseridos nos originais que tenho em mãos, da jovem poetisa Simone Moura e Mendes. "INCÓGNITA", o título do livro revela-nos que a autora, principiante agora na arte de versejar, terá, quando os maduros tempos chegarem, o seu lugar na antologia dos poetas alagoanos. Com certeza.” Confesso-lhe, Anilda, que esses maduros tempos não chegaram. E, talvez, jamais cheguem. Um lugar minúsculo na antologia dos poetas alagoanos, quem sabe? Certamente, um vidro distinguido por estar entre tantos diamantes, que teve o privilégio de figurar na lavra de uma imortal, amorosamente recebida na “Ilha”, por Carlos Moliterno.

Simone Moura e Mendes

(Publicada em O Jornal, edição de 21/01/2012)

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/anilda-e-eu>